

A LEITURA EM ANÁLISE DOCUMENTÁRIA*

Mariângela Spotti Fujita**
goldstar@unimedmarilia.com.br
Maria Izabel Aspeti Nardi**
Silvana Santos***

1. CONCEPÇÕES DE LEITURA

Da visão de leitura como Processamento Linear à visão de leitura como comunicação

Segundo Bamberger (1987), houve época em que a leitura era vista apenas como um meio de receber uma mensagem importante.

No modelo Serial de Gough (1972, apud Nardi, 1993), o ato de ler envolve um processamento serial que começa com uma fixação ocular sobre o texto, prosseguindo da esquerda para a direita de forma linear. Para o leitor chegar a uma compreensão, é necessário relacionar o significado das palavras aos seus respectivos sons. Gough prevê que durante a leitura, só ocorrem processos ascendentes, a soma dos significados das partes leva ao significado total do texto.

Goodman (1967, 1976, apud Nardi, 1993) em seu **Modelo Psicolingüístico** define leitura como um "jogo" psicolingüístico de

(*) Parte extraída do Relatório de Pesquisa Integrada do CNPq (Processo 300067/93-3)

(**) Docentes do Departamento de Biblioteconomia UNESP-Marília e integrantes do Grupo de Pesquisa "Análise Documentária"

(***) Bolsista Ap CNPq.

adivinhação, um processo seletivo em que o leitor seleciona pistas apresentadas no texto, como pontos de partida para predições. Para Goodman, o leitor antecipa o que ainda não leu, ou seja, prediz tentando adivinhar o que vem a seguir, apoiando-se em partes do texto que podem lhe ajudar na compreensão. Sua grande contribuição está no questionamento a respeito da rigidez seqüencial, introduzindo a noção de uso de estratégias descendentes em leitura como as predições que permitem avanços do leitor sobre o texto, saltando trechos previsíveis, e a noção de regressões (voltas do leitor a trechos anteriores para consulta).

Com o desenvolvimento de estudos sobre leitura, tornou-se possível perceber que o ato de ler envolve um processo mental de vários níveis, e que a boa leitura é uma confrontação crítica com o texto e as idéias do autor (Bamberger, 1987).

Rumelhart (1977, apud Nardi, 1993) destaca os diferentes níveis de conhecimento (nível de conhecimento ortográfico, fonológico, semântico) em seu **Modelo Interativo**, propondo que a informação contida num nível lingüístico mais alto pode influenciar o processamento que se dá num nível mais baixo (por ex. o conhecimento de categorias gramaticais pode influenciar o reconhecimento de palavras). O leitor, em cada nível, apoia-se em esquemas, estruturas de conhecimento que possui.

Rumelhart e Ortony (1977, apud Nardi, 1993) entendem **ESQUEMAS** como conjuntos de conhecimentos que armazenamos sobre diferentes situações e que possibilitam ao leitor visualizar uma situação a partir de variáveis associadas a ela. Tais esquemas "abrem espaço" para interpretações variadas e criativas, uma vez que são particulares, individuais. Cada pessoa terá uma visão diferente da mesma situação, pois suas experiências de mundo só a ela pertencem, são particulares e únicas.

Durante a leitura de um texto, são ativados esquemas variados, desde conhecimento de vocabulário, conhecimento da estrutura textual, do assunto, até conhecimento de mundo.

Cavalcanti (1989) compreende que leitura é um **processo comunicativo entre Leitor-Texto**. O leitor traz consigo seu conhecimento prévio, suas experiências acumuladas, seus valores, e utiliza essa bagagem para interagir com o texto (os pontos de vista, as intenções do autor e suas idéias implícitas no texto). A autora vê o leitor como o centro do processo de compreensão, processo de interação entre o conhecimento novo que o texto traz e o conhecimento velho que o leitor possui, em que o sentido é "negociado", a relevância é encontrada.

Cavalcanti (op. cit) entende que no ato comunicativo de ler, interagem restrições do contexto do leitor (seu conhecimento prévio, valores, crenças), restrições do texto (intenções do autor refletidas no contexto lingüístico) e restrições do contexto da realização da tarefa de leitura (interesse e objetivo do leitor, estado psicológico...).

Visão semelhante a de Cavalcanti (op. cit) é a de Giasson (1993) que acredita que o leitor cria sentido, apoiando-se simultaneamente no texto, nos seus conhecimentos prévios e na intenção da leitura . Assim a compreensão envolve três variáveis (o leitor, o texto e o contexto) e variará de acordo com o grau de relação entre elas.

A seguir, o modelo de leitura proposto por Giasson (op. cit).



- O **leitor** no processo de compreensão corresponde as estruturas (esquemas) do sujeito e os processos (estratégias) de leitura que ele utiliza. Geralmente essas estruturas referem-se ao que o leitor é (seus conhecimentos e suas atitudes) e os processos referem-se ao que ele faz durante a leitura (habilidades a que ele recorre).
- O **texto** corresponde ao material a ser lido e apresenta os seguintes aspectos: a intenção do autor, a estrutura do texto e o conteúdo. O autor determina cada um dos aspectos ao organizar suas idéias.
- O **contexto** corresponde aos elementos extra-texto, que podem influenciar na compreensão da leitura. Giasson destaca três tipos de contexto: o **contexto psicológico** (intenção de leitura, interesse pelo texto...), o **contexto social** (por exemplo, as intervenções dos professores e dos colegas...) e o **contexto físico** (o tempo disponível, o barulho...).

Não podemos falar em leitura como processo comunicativo sem destacarmos o **princípio cooperativo** de **Grice** (1975) que tem sido considerado como base de toda comunicação humana.

Segundo esse princípio, indivíduos racionais num ato comunicativo observam uma norma comportamental que Grice dividiu em quatro máximas: a da **quantidade** (seja suficientemente informativo), a da **qualidade** (afirme apenas o que acredita ser verdadeiro), a da **relação** (diga algo relevante) e a do **modo** (seja claro).

É a crença na racionalidade do autor, na sua intenção de ser informativo dizendo algo coerente, que leva o leitor a interagir com o texto, realizando esforços para construir um significado viável.

Nesta pesquisa, estaremos adotando a visão pragmática de leitura de Cavalcanti (1989) como interação leitor-texto, enquanto utilização de estratégias de apoio no co-texto e nas informações extra-

lingüísticas, que compõem o conhecimento prévio do leitor, processo em que o significado é “negociado”.

2. ESTRATÉGIAS DE LEITURA

As estratégias de leitura, as ações que o leitor realiza no ato de ler, têm sido definidas por vários autores. Essas estratégias segundo Faerch e Kasper (1980, apud Nardi, 1993) são planos potencialmente conscientes do leitor para resolver algo que se apresenta como um problema na compreensão.

Brown (1980, p. 465) define estratégia como “qualquer controle deliberado e planejado de atividades que levam a compreensão”.

Para Oxford (1989, apud Nardi, 1993) estratégias “são ações direcionadas para um objetivo, potencialmente observáveis, potencialmente ensináveis e flexíveis”. Para a autora, as estratégias não podem ser prontamente observáveis. Para ela, o que é possível ser observado durante a leitura são as ações comportamentais do leitor (como por exemplo, o virar de páginas, ou a procura de uma palavra no dicionário), mas as ações mentais como associações e deduções durante a leitura não podem ser vistas. Quanto à ensinabilidade, Oxford (op. cit) acredita que as estratégias sejam passíveis de serem vivenciadas em sala de aula sob a supervisão do professor. Nardi (1993) percebe que há um consenso entre diferentes autores quanto às características: ação, direcionamento para um objetivo e flexibilidade, esclarecendo que esta última seria a individualidade na seleção e combinação de estratégias, o que depende da natureza da tarefa de leitura em questão, do seu grau de dificuldade e das restrições do leitor (conhecimento de língua, de vocabulário, do assunto...).

No entanto, a respeito das estratégias, existe um ponto de contradição que é o grau de consciência. Alguns autores, como Brown (op. cit) acreditam que as ações são intencionalmente selecionadas,

enquanto outros, como Faerch e Kasper (1980, apud Nardi, 1993) referem-se a ações potencialmente conscientes.

Alguns autores seguidores de Brown fazem distinção entre estratégias e habilidades automáticas. Palincsar e Brown (1984, apud Nardi, 1993) acreditam que leitores proficientes freqüentemente usam "Skills", e consideram estratégias apenas o comportamento metacognitivo (consciente) frente a um problema.

Nardi (1993 p. 20) fornece a sua visão do que Brown (1980) considera "Skill" e "Estratégia".

"Skill seria uma estratégia que teria sido adquirida em algum momento da aprendizagem e se tornando automática (raramente "recuperada" pelo leitor proficiente), e estratégia seria o uso consciente de uma "Skill" ou de uma nova "tática", em momentos de solução de problemas".

Brown (op. cit) lista algumas atividades, às quais ela confere como natureza metacognitiva:

- explicitação dos objetivos da leitura;
- identificação de aspectos importantes da mensagem;
- alocamento de atenção a áreas importantes;
- monitoração do comportamento para ver se está ocorrendo compreensão;
- engajamento em revisão e auto-indagação para ver se o objetivo está sendo atingido;
- tomada de ações corretivas quando são detectadas falhas na compreensão;
- recobrimento de atenção quando a mente se distrai ou faz digressões.

Kato (1987) distingue dois tipos de estratégias que definem o comportamento do leitor: as estratégias cognitivas são aquelas automáticas e subconscientes, utilizadas durante a leitura fluida, sem obstáculos, e as estratégias metacognitivas são ações conscientes do leitor frente a um problema.

Para a autora, as estratégias cognitivas são regidas por dois princípios básicos que são: o **Princípio da Canonicidade** (ou da ordem natural sintática e semântica, cujo conhecimento permite ao leitor prever, por exemplo, a categoria gramatical de uma palavra desconhecida, facilitando a inferência de seu significado), e o **Princípio da Coerência** (busca da coerência no texto, um dos princípios griceanos).

A autora esclarece que a coerência pode ser entendida em três níveis: global, local e temática. Buscar a coerência global significa buscar as intenções do autor com a produção do texto em questão. Buscar a coerência local relaciona-se com tentar fazer sentido de trechos específicos (por exemplo, predizendo o que deverá acontecer em seguida, ou elaborando sobre o que foi dito até o trecho em questão, ou estabelecer um paralelo, um contraste...). A coerência temática relaciona-se ao uso da informação - tópico do texto para fazer sentido de trechos. Na busca da coerência temática, manter em mente o título do texto é interessante.

As estratégias cognitivas de Kato (1987) são denominadas por Cavalcanti (1989) estratégias automáticas, e as estratégias metacognitivas são denominadas estratégias controladas.

Cavalcanti (1989) considera que as estratégias tornam-se mais observáveis quando ocorre algum tipo de ruptura na compreensão, momento em que o leitor deverá desacelerar a leitura e tornar-se metacognitivo. Essa ruptura pode ser causada por um déficit em algum dos componentes lingüísticos da competência comunicativa, mas também relevância-leitor.

Figura 1: Estratégias de leitura conforme as concepções teóricas

| Brown | Kato | Cavalcanti | Cintra (citando teóricos da ciência da cognição) |
|------------|--------------------------|-----------------------|--|
| Skill | Estratégia cognitiva | Estratégia automática | Estratégia automática |
| Estratégia | Estratégia metacognitiva | Estratégia controlada | Estratégia controlada |

3. ESTRATÉGIAS DE LEITURA EM DOCUMENTAÇÃO

Consideramos ainda importante abordar as noções de estratégias de leitura em documentação apresentadas por Cintra (1987), em que são apontados vários fatores que concorrem para a qualidade de um texto: a manutenção do tema, a correção gramatical, a adequação lexical, a estrutura do texto.

Segundo a autora, na leitura para fins documentários é preciso que haja uma cooperação autor/leitor, já que o autor não prevê quem poderá ler o que ele publicou.

Sabe-se também que na leitura para fins documentários e tratamento da informação (leitura técnica), não é necessário, nem aconselhável uma leitura linear, letra por letra, palavra por palavra, o leitor avança no texto à medida que consegue predizer o que vem a seguir.

O leitor deve buscar detectar a estrutura do texto. O leitor que tem facilidade de reconhecer as superestruturas textuais capta melhor as idéias principais do texto, do que um leitor que lê linearmente, fazendo esforços desnecessários para compreender trechos isolados, mas sem apoiar-se na estrutura textual e seus conhecimentos prévios para inferir significados, e levantar hipóteses que o ajudarão a apreender a temática global. O apoio na estrutura textual permite ao leitor ser seletivo e alocar atenção a trechos importantes. Cintra (op. cit: p. 33) “coloca” muito bem essa idéia da estrutura fornecendo a estratégia da seletividade.

“Assim, num texto dissertativo argumentativo, por exemplo, o leitor faz predições que vão sendo testadas sobre a introdução, tese, os argumentos, a conclusão, ordenando as idéias centrais e descartando as idéias secundárias”.

As estratégias ascendentes (“bottom up”) e descendentes (“top down”) citadas por Cintra (op. cit), mostra “que o leitor, durante o processo de leitura, pode realizar dois movimentos: movimento **bottom-up**, em que o leitor vai lendo na dependência do contexto escrito, ou seja, vai extraindo, linearmente, dos símbolos impressos o

significado, caminhando das partes para o todo, e movimento **top-down**, no qual há maior dependência de conhecimento prévio do leitor, pois ele vai fazendo generalizações e predições a partir de “**esquemas**” que tem armazenados em sua memória, formulando hipóteses que ajudarão na compreensão do texto.

Kato (1987) considera leitor experiente aquele que utiliza os dois tipos de estratégias, as ascendentes (dependentes do texto, da análise cuidadosa do **Input** visual) e as descendentes (baseadas no conhecimento prévio do leitor e na sua capacidade de inferência, de predição), relacionando ora um tipo, ora outro, de maneira consciente, no momento em que cada uma delas se fizer necessária. Há momentos na leitura em que um trecho difícil, para o leitor, exige que ele leia linear e cuidadosamente, e há outros em que apenas inferências pelo contexto permitem a compreensão sem problemas.

Além disso, acreditamos que o leitor estratégico proficiente seja aquele que, além de utilizar apropriadamente estratégias ascendentes e as descendentes, mantém em mente o objetivo da leitura.

4. LEITURA EM ANÁLISE DOCUMENTÁRIA

A expressão “Análise documentária” foi formalmente conceituada por Jean-Claude GARDIN (1981, p. 29), citado por CUNHA (1989, p. 17), como “um conjunto de procedimentos efetuados com a finalidade de expressar o conteúdo de documentos científicos, sob formas destinadas a facilitar a recuperação da informação”.

A Análise documentária é operacionalmente um Tratamento documentário de conteúdo com a finalidade de elaborar representações condensadas do que está contido em textos. Essas representações condensadas são resumos e índices, sendo que esses últimos caracterizam-se mais como pistas do conteúdo. Todo o conjunto de procedimentos para a elaboração de índices de assunto, seja com palavras ou símbolos alfa-numéricos, estão inseridas no que se denomina “Indexação”.

Tanto a Indexação quanto o Resumo, considerados representações condensadas do conteúdo de documentos, são elaborados através de um conjunto de três operações que constituem a "Análise documentária": Análise, Síntese e Representação (KOBASHI, 1994, p.23).

ANÁLISE: leitura e segmentação do texto para identificação e seleção de conceitos;

SÍNTESE: Construção do texto documentário com os conceitos selecionados: enunciado de assunto ou resumo.

REPRESENTAÇÃO: a representação possui duas naturezas distintas: na primeira, a representação é construída através de um processo de condensação intensiva do texto original, gerando os diferentes tipos de resumo; na segunda, a representação é realizada através do uso de uma Linguagem documentária, que tem como função a normalização das unidades significantes ou conceituais presentes no texto original: indexação (LARA, 1993:4-5).

O processos de Análise e Síntese documentária sugerem, pelas descrições de cada um, que os textos passam por uma espécie de "desestruturação" para a construção de um outro texto, o documentário.

As atividades de Análise e Síntese na Análise documentária, embora sejam reconhecidamente as mais importantes, não são as mais investigadas teórica e praticamente (FARROW, 1991). Estudos exploratórios em Análise documentária (JONES, 1983, citado por FARROW, 1991; GUIMARÃES, 1994; KOBASHI, 1994) indicam que a atividade de Representação, mediante a aplicação e elaboração de linguagens documentárias, apresenta grande ênfase na área, pela quantidade de trabalhos publicados.

Assim, interessa-nos muito mais verificarmos os procedimentos de análise existentes. A normalização da área, através da Norma ISO 5963 (1985, p. 2-4), recomenda método para análise de documentos, no qual o processo de Análise e Síntese do documento é exposto em etapas da seguinte forma:

1) Exame do documento: ao mesmo tempo em que considera ideal a leitura total do documento para uma completa compreensão, a norma aponta a impraticabilidade operacional de tal procedimento, oferecendo ao indexador, a possibilidade do texto ser analisado através do exame cuidadoso de todas as seguintes partes:

- título;
- resumo, se houver;
- lista de conteúdos;
- introdução, frases que iniciam capítulos e parágrafos, e a conclusão;
- ilustrações, diagramas, tabelas;
- palavras ou grupo de palavras que estejam sublinhadas ou impressas em tipos diferentes.

Ao final desse item, a norma alerta o indexador para impossibilidade de uma análise de assunto somente pelo título ou resumo do documento.

2) Identificação de conceitos: após análise do documento, o indexador deverá seguir uma abordagem sistemática para a identificação daqueles conceitos que são elementos essenciais na descrição do assunto. Para isso a norma recomenda um questionamento do texto através de questões preparadas para identificar determinados conceitos essenciais:

- a) O documento possui em seu contexto um objeto sob efeito de uma atividade?
- b) O assunto contém um conceito ativo (por exemplo, uma ação, uma operação, um processo, etc)?
- c) O objeto é influenciado pela atividade identificada?
- d) O documento possui um agente que praticou esta ação?
- e) Este agente refere-se a modos específicos para realizar a ação (por exemplo, instrumentos especiais, técnicas ou métodos)?

- f) Todos estes fatores são considerados no contexto de um lugar específico ou ambiente?
- g) São identificadas algumas variáveis dependentes ou independentes?
- h) O assunto foi considerado de um ponto de vista, normalmente não associado com o campo de estudo (por exemplo, um estudo sociológico ou religioso)?

Quanto ao primeiro item "Exame do documento", é preciso esclarecer que quando a norma aborda a questão de uma leitura completa do documento como "impraticável e nem sempre necessária" para a indexação, está distinguindo, neste momento, a leitura documentária do processo global de leitura. Embora a norma não comente os motivos pelos quais admite ser impraticável a leitura completa do documento, é razoável supormos que o trabalho de um indexador não se restringe a poucos documentos se considerarmos a totalidade do acervo de uma biblioteca.

FARROW (1991, p. 150), em seus comentários sobre a norma, refere-se à leitura documentária como um "rápido rastreamento" feito a partir da listagem de partes do documento indicada pela norma no item "Exame do documento". Os estudos técnicos de indexação do Projeto Cranfield realizados por CLEVERDON em 1961, citado por FARROW (1991, p. 150), revelam que 4 minutos é considerado o tempo ideal para um ótimo rastreamento. Estudos comparativos entre os sistemas PRECIS e LCSH (WELLISCH, 1977; CÔTÉ, 1979; MICCO, 1980) demonstram um lapso de 8 minutos para toda a operação. Citando os estudos de JUST e CARPENTER de 1987 sobre leitura rápida, FARROW (1991, p. 152) encontra uma similaridade entre leitores rápidos e indexadores uma vez que "... os leitores rápidos têm um objetivo diferente de compreensão dos leitores normais, não se apegam a detalhes ou coerência de idéias. É o tipo de compreensão que um indexador exige, o objetivo é encapsular a compreensão em um apanhado de palavras-chave isoladas".

Mesmo sujeitos a condições específicas de leitura, admite-se que os indexadores compreendem o texto, essencialmente do

mesmo modo que leitores fluentes. Essas condições de leitura são listadas nas pesquisas de CREMMINS de 1982, MILS e BROUGHTON de 1977, citados também por FARROW (1991, p. 151):

- “1- Indexadores normalmente trabalham sob limite de tempo, que os obriga a explorar o texto mais rapidamente do que um padrão normal de leitura;
- 2- A maior parte dos indexadores compreendem o texto somente para o propósito de classificação, indexação ou resumo do documento;
- 3- A compreensão do texto por indexadores é logo seguida pela produção de um resumo, conjunto de entradas de índice, ou classificação;
- 4- Muitos indexadores trabalham dentro de um conjunto limitado de tipos de textos e áreas de assunto, e o consequente elemento repetitivo em seu trabalho o conduzirá a um processamento automático além daqueles associados com a leitura normal fluente.”

A revisão de estudos da área serve de respaldo à análise de FARROW a respeito da compreensão do indexador sob essas mesmas condições de leitura, verificando se as estratégias ou as metodologias de análise que o indexador utiliza são válidas para a compreensão.

Dentro do segundo item “Identificação de conceitos” a norma aborda a questão da seleção de termos, recomendando que o “Indexador não precisa, necessariamente, representar com termos de indexação, todos os conceitos identificados durante o exame do documento. Os conceitos deverão ser selecionados ou rejeitados de acordo com os propósitos para os quais os termos serão usados”. A norma, então, menciona a exaustividade e a especificidade como propósitos que podem decidir a escolha dos conceitos. Contudo, admite que esses propósitos estão vinculados e dependentes de duas variáveis influentes na identificação e seleção de conceitos pelo indexador: o sistema documentário e o usuário desse sistema.

Aliás, a influência dessas duas variáveis, na análise documentária, é fato admitido por FARROW, CUNHA, CINTRA, KOBASHI e LARA. Existe, com o indexador, um compromisso assumido com o sistema documentário disseminador e seu usuário, que deverá influenciar a leitura documentária e inviabilizar sua "neutralidade" (CINTRA, 1987, p. 29; CUNHA, 1987, p. 38-9).

Por outro lado, a questão de exaustividade e especificidade abordada pela norma podem, segundo observação de FARROW (1991), alterar o grau de compreensão de leitura do indexador. A exaustividade, exigida por um sistema documentário, está mais ligada à produção de índices porque compreende um detalhamento dos assuntos presentes nos documentos através de termos de indexação. Ao contrário, a especificidade requer exatidão e precisão e por isso é mais adequada à classificação que necessariamente deve representar um ou mais assuntos através de um só número de classificação. Por isso, quanto mais exaustivo o processo de análise, mais detalhada será a compreensão.

Para o processo de análise e síntese documentárias, a leitura documentária tem o objetivo de "identificação e extração de referenciais dos textos originais, para sua transformação em texto documentário." (LARA, 1993, p. 49) Os "referenciais" citados pela pesquisadora, são os "conceitos essenciais" da norma, identificados e extraídos através das questões. A primeira questão, por exemplo, deverá identificar no texto a presença do conceito "objeto", a segunda a "ação", a terceira se o "objeto" identificado sofre influência da "ação", a quarta o "agente" que praticou a "ação", e assim por diante...

Em verdade, esses referenciais ou conceitos foram embasados naqueles já formulados em Lingüística através de vários "Estudos de caso", nomeadamente os de Fillmore e Pottier (CUNHA, 1987, p. 67). AUSTIN (1974), ao idealizar o sistema de indexação PRECIS muito antes dessa Norma, apoiou-se teoricamente na "Gramática de casos" de Fillmore e propôs seu "Esquema de operadores de função", no qual atuam como "casos profundos": operadores principais: 0, 1, 2, 3, 4, 5, 6; operadores interpostos: p, q, r; operadores de diferenças: h, i, j, k, m, n, o, d; como "marcadores de caso": códigos conectivos: \$v e \$w e operadores interpostos: s, t.

De acordo com CINTRA (1983), Fillmore define “casos” como “um conjunto de conceitos universais, presumivelmente inatos que identificam certos tipos de julgamento que as pessoas são capazes de fazer sobre os acontecimentos que se realizam à sua volta, julgamentos a respeito de assuntos como 'quem fez isso', 'a quem aconteceu isso', 'o que foi mudado', etc.”

Trabalhando em torno desses “conceitos universais”, o sistema PRECIS recomenda, para a etapa de identificação de conceitos da análise de assunto, uma análise conceitual baseada na interrogação do texto (FUJITA, 1989):

O QUE ACONTECEU? (AÇÃO)

A QUE OU A QUEM ISTO ACONTECEU? (OBJETO DA AÇÃO - SISTEMA CHAVE)

O QUE OU QUEM FEZ ISTO? (AGENTE DA AÇÃO)

ONDE ACONTECEU? (LOCAL)

Cada operador do sistema PRECIS será, então, atribuído a um conceito com função correspondente. Por exemplo, o operador (2) possui função correspondente a “ação”, o operador (1) ao “objeto da ação”, o operador (3) ao “agente” e o operador (0) ao “local”. O conjunto de operadores atribuídos formará uma cadeia de termos capaz de gerar as entradas de assunto que serão acessadas por um usuário no índice de assunto. FUJITA (1989, p. 189) explica que “os operadores de função são considerados universais lingüísticos que agem como casos profundos nas cadeias de entrada (estrutura profunda) transformando-as em entradas de índice (estrutura superficial) capazes de propiciar o acesso do usuário ao índice.”

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para nós, estratégias são ações empreendidas pelo leitor no ato de ler potencialmente conscientes, geralmente direcionadas para a solução de um problema. As estratégias conscientes são denominadas metacognitivas (Kato, 1987) ou controladas (Cavalcanti,

1989), e as estratégias subconscientes são denominadas cognitivas (Kato, 1987) ou automáticas (Cavalcanti, 1989).

No caso do leitor documentalista, entendemos que as estratégias indicadas pela Norma são metacognitivas ao identificarmos aspectos de sua natureza de acordo com Brown (1980):

Figura 2: Identificação da natureza metacognitiva na leitura documentária de acordo com Brown.

| Atividades durante a leitura "Brown" | Leitura Documentária |
|--|---|
| <ul style="list-style-type: none"> ● explicitação dos objetivos da leitura; ● identificação de aspectos importantes da mensagem; ● alocação de atenção a áreas importantes; ● monitoração do comportamento para ver se está ocorrendo compreensão; ● engajamento em revisão e auto-indagação para ver se o objetivo está sendo atingido; ● tomada de ações corretivas quando são detectadas falhas na compreensão; ● recobrimento de atenção quando a mente se distrai ou faz digressões; | <ul style="list-style-type: none"> ● representação do texto de forma condensada (Norma) ● identificação de conceitos (abordagem sistemática mediante questionamento) (Norma) ● análise do documento com domínio da estrutura textual, considerando partes do texto (Norma) ● associação com linguagem; ● coerência temática; ● seleção de conceitos (termos ou descritores) |

Portanto, a leitura documentária feita com o objetivo de representar o texto e seu contexto pode ser explicada, também, pela abordagem de Cavalcanti e Giassom. O leitor documentalista, apesar de não ser o especialista do assunto, interage com o texto mediante o domínio de uma linguagem documentária especializada, da estrutura textual e da intenção do sistema de informação para a leitura. O que a Norma ISO identifica como “Estágios da indexação”, principalmente o “Exame do documento” e a “Identificação de conceitos”, assim como a análise conceitual formulada para o PRECIS, entendemos que podem ser consideradas como **estratégias de leitura**.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUSTIN, D. **PRECIS: a manual concept analysis and subject indexing**. London: Council of the British National Bibliography, 1974. 551p.
- BAMBERGER, R. **Como incentivar o hábito de leitura**. São Paulo: Ática, 1987. 109p.
- BROWN, N. Metacognitive development and reading. In: SPIRO et al. (orgs). **Theoretical issues in reading comprehension**. New Jersey: L. Erlbaum Associate Publishers, 1980.
- CAVALCANTI, M. C. **I-N-T-E-R-A-Ç-Ã-O leitor-texto: aspectos de interação pragmática**. Campinas: UNICAMP, 1989.
- CINTRA, A. M. M. (1983) Elementos de lingüística para estudos de indexação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.12, n.1, p.5-22, jan.-jun.
- _____. (1987) Estratégias de leitura em documentação. In: SMITT, J. W. **Análise documentária: a análise da síntese**. Brasília : IBICT. p.29-38.
- CÔTÉ, J.-P. PRECIS et le système de vedettes-matière de la Library of Congress: vers une étude comparative globale. **Documentation et Bibliothèques**, v.25, n.1, p.11-21, 1979.
- CUNHA, I.N.F. **Análise documentária**. In: SMIT, J. W. **Análise documentária: a análise da síntese**. 2.ed. Brasília: IBICT, 1987.

- FARROW, John F. A cognitive process model of document indexing. **Journal of Documentation**, v.47, n.2, p.149-66, 1991.
- FUJITA, M. S. L. **PRECIS na língua portuguesa: teoria e prática de indexação**. Brasília: UnB/ABDF, 1989.
- GIASSON, J. **A compreensão na leitura**. Lisboa: Asa, 1993.
- GRICE, H. P. (1982) **Logic and Conversation**. In: COLE, P., MORGAN, J.L., org. *Syntaxis and Semantics*. New York: Academic Press, 1975. v.3: Speechs acts.
- GUIMARÃES, J. A. C. **Análise documentária em jurisprudência: subsídios para uma metodologia de indexação de acórdãos trabalhistas brasileiros**. São Paulo: ECA/USP, 1994. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, USP, 1994.
- INTERNATIONALORGANIZATIONFORSTANDARDIZATION. (1985) **Documentation** - methods for examining documents, determining their subjects, and selecting indexing terms. Suíça: ISO. 5p. (ISO 5963-1985 (E))
- KATO, M. **O aprendizado da leitura**. São Paulo: Martins Fontes, 1987. 121p.
- KLEIMAN, A. **Leitura: ensino e pesquisa**. Campinas: Fontes, 1989.
- KOBASHI, N. Y. **A elaboração de informações documentárias: em busca de uma metodologia**. São Paulo: USP. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1994.
- LARA, M. L. G. de **A representação documentária: em jogo a significação**. São Paulo: USP. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, 1993.
- MICCO, H. M. **An exploratory study of three subject access systems in Medicine: LCSH, MeSH, PRECIS**. Australian: Australian National University, 1980. 163p.
- NARDI, M. I. A. **As expressões metafóricas na compreensão de texto escrito em língua estrangeira**. São Paulo: PUC. Disserta-

ção (Mestrado em Linguística Aplicada ao ensino de línguas) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1993.

WELLISCH, H. (Ed.) **The PRECIS index system: principles, applications and prospects.** In: INTERNATIONAL PRECIS WORKSHOP, 15-17 oct. 1976, Maryland. Proceedings... New York: H. W. Wilson, 1977. 204p.